

O NOVO CORONAVÍRUS
EXPRESSÃO EMBLEMÁTICA DO DRAMÁTICO DESEQUILÍBRIO ENTRE
ECONOMIA E ECOLOGIA NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

Thomas A. Mitschein

Abril,2020

I

A pandemia do novo coronavírus não caiu do céu. Pelo contrário! Na realidade, se apresenta como elemento integral de um modo de reprodução imperial (Brandt/Wissen 2017) que, consolidado nas décadas passadas no âmbito da Tríade Estados Unidos, União Europeia (EU) e Japão, depende essencialmente da disponibilização de insumos externos nos campos da energia, de recursos naturais, de terra e de força de trabalho, mobilizados especialmente no Sul Global. Ou como destaca o botânico britânico Rob Wallace (2020) magistralmente:

*“O planeta terra em grande medida é planeta fazenda neste momento, tanto em biomassa como em terra utilizada. A agroindústria tem como objetivo concentrar o mercado de alimentos. Quase a totalidade do projeto neoliberal gira em torno do apoio às intenções com sede nos países industrializados mais avançados para ficar com a terra e com os recursos dos mais débeis. Como resultado disso, muitos desses novos patógenos que antes estavam mantidos à distância pelas ecologias florestais de uma longa evolução estão se liberando, ameaçando o mundo inteiro. A agricultura dirigida pelo capital que substitui as ecologias mais naturais pelos quais os patógenos podem evoluir em fenótipos mais virulentos e mais infecciosos. **Não se poderia desenhar um sistema melhor para criar enfermidades mortais** (destaque T.M.).”*

II

No decorrer dos anos 70 do século passado nasceram na Europa Ocidental *Novos Movimentos Sociais* que se posicionaram contra a energia nuclear, a chuva ácida, a poluição das águas e a devastação das florestas, rejeitando com vigor uma narrativa que abordava os mencionados fenômenos como simples e indispensáveis efeitos colaterais dos imperativos do progresso econômico-social de uma sociedade industrializada que, no dizer de Ulrich Beck (1986), estava na iminência de se transformar numa *sociedade mundial de risco*.

Mas, esta entrada da ecologia no discurso político nos polos do mercado mundial em nada modificou o fato de que o desenvolvimento desigual

entre os Estados nacionais continuava determinando as relações de poder entre todos os *stakeholders* envolvidos. Diante disso, não surpreende que, em 1972, na Conferência de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano, os 77 Estados do então chamado *Terceiro Mundo*, independente de seus referenciais político-ideológicos, acompanharam o Brasil na defesa de um crescimento econômico a qualquer custo, reafirmando, nesses termos, a hipótese de que a inserção do hemisfério Sul na órbita da civilização industrial era a única solução para a superação das heranças herdadas do seu passado colonial.

Por outro lado, na Primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), realizada no Rio de Janeiro em 1992, os governos presentes aprovaram o conceito do Desenvolvimento Sustentável, nos moldes do Relatório Brundtland, fórmula de consenso que aparentemente pacificou o conflito Norte/ Sul. Contudo, as recomendações do Programa de Ação da CNUMAD precisavam ser implementadas numa arena mundial em que a acelerada internacionalização do capital produtivo financeiro tinha dado à tradicional divisão internacional de trabalho (entre produtores de valores agregados e produtores de matérias prima) a forma funcional de um *Arquipélago* (Veltz 1996). Nele criam-se relações privilegiadas entre as *ilhas* de destaque (*global cities*), que intercambiam informações, tecnologias e capitais dia e noite; entretanto, os espaços *in between* tornam-se, literalmente, *terras afundadas* do ponto de vista de sua relevância econômica. Além disso, as *ilhas* que não cuidarem de sua competitividade sistêmica se tornam, com facilidade, *terras afundadas*. Os “afundados”, que querem colocar a sua cabeça para fora da água, devem estar à procura dos famosos *nichos* nos mercados globais, adotando com afinco a filosofia do “cooperar para competir”¹.

Conduzido por esta lógica implacável de funcionamento, este *Arquipélago*

- colocou em xeque todos os modelos de regulação social que tinham sido estabelecidos durante o conflito sistêmico entre os Estados Unidos

¹ É a famosa receita dos *clusters* que continua sendo vendida aos “afundados” do mundo inteiro como um raio de luz na escuridão de um túnel sem fim.

e a União Soviética, fazendo com que, depois da *Queda do Muro de Berlim*, o neoliberalismo tenha se afirmado como referencial hegemônico em todos os cantos desta assim chamada *vila global*;

- proporcionou, no hemisfério Norte, a crescente convivência de espaços altamente prósperos com áreas socialmente deprimidas, traduzindo, assim, a gradual retirada do então badalado Estado de Bem Estar;
- manifestou-se, no hemisfério Sul, através do flagrante contraste entre os assim chamados *Least Developed Countries* (LDCs), - por sua vez, cada vez mais dependentes das minguadas transferências técnico-financeiras da cooperação internacional - e um reduzido número de *Newly Industrialized Countries* (NICs) que, em 2015, responderam por notáveis 22,5% do PIB mundial; e
- está destruindo com uma velocidade inédita, aliás em nítido contraste às promessas levantadas durante a ECO 92, as bases naturais da vida que encontra na crise climática a sua expressão mais dramática. (Mitschein, Lima, Imbiriba 2016).

No que concerne à crise climática acima referida, pode-se ilustrá-la pelo seguinte cálculo a seguir. Caso os 13 bilhões de toneladas de gás carbônico que - de acordo com os especialistas - os oceanos e a biomassa terrestre podem absorver anualmente fossem respeitados como um limite natural intransponível, e se os 7.7 bilhões de habitantes do planeta tivessem o mesmo direito à poluição destes sumidouros, ninguém poderia emitir mais do que 1.6 toneladas de gás carbônico por ano. Só que, nos Estados Unidos, cada habitante ultrapassa este volume por aproximadamente nove vezes. E, suponha-se que os habitantes da China e da Índia alcancem a média dos atuais estilos de vida dos norte-americanos, somente as suas emissões de dióxido de carbono ultrapassariam o volume de CO₂ que, em 2013, todos os países do planeta terra depositaram na atmosfera.

No entanto, por mais que um cenário deste tipo seja ameaçador para a humanidade toda, os seus impactos mais nefastos afetarão os setores sociais de baixa renda daqueles países do Sul que se destacam pela sua alta vulnerabilidade a efeitos da mudança climática como inundações, secas, tempestades e a elevação do nível do mar: um pesadelo especialmente para a população de megalópoles como Mumbai, Calcutá, Manilha, Bangkoc ou Dacca.

Ou seja, numa sociedade planetária, onde a ecologia continua andando claramente a reboque da economia, a corda arrebentará fatalmente para o lado mais fraco, representado pelos setores populares de um Sul Global que nem

tecnicamente nem financeiramente está preparado para enfrentar os efeitos mortais da pandemia do Covid – 19.

No Brasil, os principais *stakeholders* estariam bem aconselhados se dessem atenção redobrada à Amazônia, por sua vez um virtual polo de proliferação de epidemias, considerando-se que o avanço das populações sobre a floresta aumenta o risco de micro-organismos se espalharem no cotidiano dos assentamentos humanos.

Neste sentido, a atual onda de estragos causados pela importação do coronavírus, indica que o desmatamento da floresta amazônica deve ser entendido como uma bomba relógio caseira para o futuro da sociedade brasileira. A sua neutralização exige, imperiosamente, a implementação urgente de uma relação mais equilibrada entre economia e ecologia no *continente amazônico*.

Esta questão em breve será retomada no âmbito deste site.

Referenciais

Ulrich Brand, Markus Wissen: **Imperiale Lebensweise. Zur Ausbeutung von Mensch und Natur im globalen Kapitalismus**, Oekom Verlag, Muenchen 2017.

Ulrich Beck: **Risikogesellschaft. Auf dem Weg in eine andere Moderne**, SV Suhrkamp, Frankfurt am Main 1986.

Thomas A. Mitschein, Ailton Lima, Nazaré Imbiriba: **A reinvenção da Amazônia** – Divisor de águas para o futuro do Brasil e de seus vizinhos sulamericanos, IENCI/UFPA, Belém 2016.

Rob Wallace: **Agronegocio e Covid 19: uma combinação mortal**, in: Esquerda Diário, Rede Internacional, 21.3. 2020.